

MULHERES PERIFÉRICAS

Elisangela Bandeira

Pedagoga, Pós-Graduada em Gestão Social, especialista em Educação Popular, Formação de Redes de Solidariedade e Desenvolvimento Comunitário, premiada por projetos exitosos em organizações internacionais, condecorada no prêmio Dandara 2020 e Analista Técnica Sesc Rio – Unidade Niterói.

Março, 2022

Com base no trabalho realizado com o grupo de mulheres residentes em comunidades do Município de Niterói, atendidas pelos Projetos Sesc+ Social e Sesc+ Juventudes, avaliamos que falar da mulher da periferia é falar de luta pela sobrevivência. Essa luta em não sucumbir numa sociedade que desqualifica a sua localidade e suas mazelas, romantizando suas batalhas diárias.

Com base no levantamento do Instituto Locomotiva para a Central Única das Favelas em 2020, 53% dos moradores de favela têm filhos e 80% das famílias estão sobrevivendo com menos da metade da renda de antes da pandemia.

Esses dados nos levam a refletir sobre a estrutura familiar dessas mulheres que, sozinhas, precisam prover o sustento de seus filhos (que não são poucos), mesmo sabendo que alguns deles ainda precisam do seu colo.

No sonho de um parceiro para apoiá-la, muitas se entregam a relacionamentos que começam bem, mas as atitudes abusivas vão aparecendo de forma processual. Primeiro numa brincadeira, depois um tapa, muitas vezes terminando com a morte evidenciando o Ciclo da Violência, defendido pelo Instituto Maria da Penha, que no aumento da tensão, ela evita a conduta que possa provocar seu parceiro, permitindo a chegar ao ato de violência, sendo confrontada com o arrependimento e o comportamento carinhoso dele, voltando a fase inicial de um ciclo que muitas vezes só tem fim com a morte.

Segundo Bianchini, o mapa da violência indica que, de todas as mulheres mortas em 2019, 90% foram vítimas dos parceiros ou ex-parceiros e quase 60% dos casos aconteceram dentro das próprias residências.

E ainda podemos analisar essa mulher, dentro de uma perspectiva educacional.

Segundo dados do IBGE, observa-se considerável desigualdade entre as mulheres por cor ou raça, fazendo com que as mulheres pretas ou pardas de 15 a 17 anos de idade apresentem atraso escolar em 30,7% dos casos, enquanto 19,9% das mulheres brancas dessa faixa etária estão na mesma situação.

Entretanto, o maior diferencial encontrado para o complemento desse indicador está entre as mulheres brancas e os homens pretos ou pardos na medida em que o atraso deles (42,7%) era mais do que o dobro do delas (19,9%) nesse caso.

Quantas dessas mulheres abdicaram seus sonhos de infância (motivados ainda nas séries iniciais) pela família? Quantas já idosas estão realizando o sonho de ler e escrever, pois o tempo, por anos foi dividido entre o trabalho e o cuidado com os filhos?

Ao chegar no trabalho, essa mulher é invisibilizada e depreciada, por ser pobre, periférica e, quase sempre, preta. Suas ideias são sem valor, mas transformadas em inovação pelo mesmo homem que desvalorizou o seu saber.

Evidenciar a pluralidade das mulheres é reconhecer o papel importante que cada uma delas, a seu apoio na transformação histórica do Brasil. Além de refletir sobre os motivos históricos que levaram essas mulheres ao território que se encontram.

Será que fomos de fato alforriados? Ou essas mulheres são as mesmas escravizadas e usadas ao longo de anos, que continuam vivendo em senzalas urbanas?

Segundo uma pesquisa realizada pelo professor doutor em Geografia, Andreilino Campos, o final do tráfico negreiro e da escravidão estão diretamente associados à formação das primeiras ocupações irregulares nos morros cariocas. Segundo aponta o pesquisador, os ex-escravos, além da população mais pobre, passaram a habitar os morros por estes ficarem mais próximos de zonas que ofereciam vagas no mercado de trabalho.

Rodolfo F. Alves Pena aponta que, ao contrário do que muitas pessoas imaginam, a favela não nasce “do nada”, ou “da preguiça” que as pessoas possuem em procurar trabalho, ou “da ignorância” delas em habitar zonas irregulares de moradia, como os morros.

No entanto, as favelas mais modernas apareceram na década de 1970, devido ao êxodo rural, quando muitas pessoas deixaram as áreas rurais do Brasil e mudando para as cidades. E, sem encontrar um lugar para viver, muitos acabaram morando em periferias.

Se pararmos para analisar o cenário atual, somos livres, mas sem opção de trabalho. Boa parte da população segue para as favelas, em busca de um lugar para viver de forma mais digna do que nas ruas expostas às zonas de uso de droga. Mas viver na comunidade evidencia as questões sociais já perduram por anos.

Borges e Yamamoto (2014, p. 28) destacam que, o antagonismo de classe e as crises econômicas que empobrecem ainda mais as camadas populares garantem a abundância de mão de obra escrava. O que ilustra muito bem a sociedade atual.

Distantes das oportunidades e das possibilidades de mudança, pelo cenário socioeconômico que está inserido e pelas visões de inferioridade que sufocam, maltratam e desvalorizam seus saberes e suas alternativas de subsistência, colocam para as mulheres a alternativa na sexualização de seus corpos.

Valorizar a mulher periférica é perceber que existe uma essência singular, mas uma luta plural que conta com a criatividade, na busca por algo que pode parecer tão simples para muitos, O RESPEITO.

Seja na periferia, nos centros urbanos, nas corporações, no lar, nos presídios, ou em qualquer outro ambiente, ainda é preciso apresentar à sociedade que a mulher já deixou de ser o sexo frágil, faz tempo.

Atualmente, a sua força transformando realidades as permite protagonizar mudanças significativas, mesmo diante dos recortes patriarcais que a nação ainda apresenta, persistindo e resistindo.

Ser mulher plural e atual pauta-se na autoafirmação diária de ser dona de si. De não precisar de alguém que diga o que pode ou não pode fazer. É decidir sobre a sua vida em qualquer tempo... É alcançar seus objetivos com a certeza de sua capacidade de mudança.

Hoje notamos que a mulher é uma cidadã ciente dos seus deveres, mas com maior consciência dos seus direitos. Direitos calados ao longo do tempo.

Somos mulheres com nome e sobrenome!

Nossa raiz é a nossa força!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Biblioteca IBGE

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf, consultado em 15/02/2022.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Favelas_no_Brasil, consultado em 15/02/2022.

BORGES, Livia de Oliveira; YAMAMOTO, Oswaldo H. **Mundo do trabalho: construção histórica e desafios contemporâneos**. In: BASTOS, Antonio Virgilio Bittencourt; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; ZANELLI, José Carlos (org.). Psicologia, organizações e trabalho no Brasil. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 25-72.

Conselho Nacional do Ministério Público

<https://www.cnmp.mp.br/portal/todas-as-noticias/14169>, consultado em 15/02/2022.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**; Prefácio de Moacir Gadotti e Carlos Alberto Torres; notas de Vicente Chel. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

Instituto Locomotiva

<https://ilocomotiva.com.br/wp-content/uploads/2022/01/pandemia-na-favela.pdf>, consultado em 15/02/2022.

Instituto Maria da Penha

<https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html>, consultado em 15/02/2022.